

Wendy Leigh

BOWIE

UMA BIOGRAFIA SENTIMENTAL

a esfera  dos livros

ÍNDICE

Introdução	11
Um – Absoluto principiante	25
Dois – O rapaz das estrelas	37
Três – O homem que se vendeu ao mundo.	49
Quatro – Labirinto sexual	63
Cinco – Amor moderno	79
Seis – No lado errado da noite	91
Sete – O homem das estrelas.	103
Oito – Ziggy.	115
Nove – Super-homem das estrelas.	127
Dez – Mudado	135
Onze – Jovem americano	147
Doze – A queda.	161
Treze – Ator dividido.	169
Catorze – Berlim.	185
Quinze – História de um gigolô	201
Dezasseis – Cinzas.	221
Dezassete – Heroína por mais do que um dia.	231
Dezoito – Anos dourados.	241
Dezanove – Onde está ele agora	251
Vinte – Lázaro	263
Agradecimentos	269
Fontes por capítulos	273

Bibliografia	279
Discografia	297
Filmografia	299
Digressões	301
Algumas presenças em televisão	303
Documentários	305

Para a Dr.^a Erika Padan Freeman

INTRODUÇÃO

6 de junho de 1992
Villa La Massa, Florença, Itália

O fascínio por David Bowie tem-se devido sempre à sua capacidade de confundir as expectativas – e o dia do seu casamento com Iman não foi exceção.

Os seus amigos e familiares presumiram inicialmente que o copo-d'água teria lugar no isolado complexo de Britannia Bay House, a propriedade em estilo balinês de David e Iman na pequena e privada ilha de Mustique, nas Caraíbas, com vista para o mar e completamente escondida tanto do olhar dos *paparazzi* intrometidos como da vista dos deslumbrados fãs de Bowie. Mais do que praticamente qualquer outro local do Mundo, Mustique assemelha-se a uma fortaleza, sendo os seus limites intensamente vigiados por guardas que, se necessário, rápida e eficazmente expulsam jornalistas, fotógrafos e outros indesejáveis, impedindo que pisem o sagrado solo da ilha. Mustique apresentava um nível de segurança tão elevado e uma tal ausência de repórteres bisbilhoteiros que, alguns anos antes, a princesa Margarida de Inglaterra pudera descontrair e divertir-se livremente na praia com John Bindon, o criminoso e presumível assassino londrino que, por coincidência, foi muito íntimo de David nos anos 70. Um enclave somente para os muito ricos e famosos, para reis e rainhas, princesas, bilionários, políticos e magnatas, Mustique (de que Iman, apesar do *glamour* do *jet-set* e da elite, ou talvez devido a esse mesmo *glamour*, não gostava particularmente) é um mundo fechado de privilégios e privacidade.

Mas apesar da beleza da casa de David em Mustique, e da segurança que asseguraria se celebrasse o seu casamento na ilha, ele optou pelo lugar-comum de organizar um casamento público ao estilo das

celebridades e que a revista *Hello!* imortalizaria nas suas páginas. Ao decidir vender o exclusivo do seu casamento à revista por um valor que poderá ter alcançado os 4 milhões de dólares norte-americanos e ao aceder a posar para fotografias com Iman durante horas, David optou por dinheiro na mão – mas também negociou de tal forma o contrato que, apesar de ele e Iman terem sido fotografados ao longo de toda a cerimónia na Igreja Episcopal de Saint James, em Florença (oito imagens foram publicadas na reportagem de 23 páginas da revista), e durante a receção que se seguiu, Bowie assegurou-se de que a privacidade da maioria dos seus 68 convidados seria preservada, pelo que a revista *Hello!* conseguiria fotografar apenas alguns deles.

Recebendo um lugar de honra no copo-d'água na deslumbrante Villa La Massa em Florença, e como é devido a quem ostenta o estatuto de mãe de David, a majestosa Margaret Jones, uma mulher imponente aos 78 anos, apesar de lutar com uma saúde frágil, reclinase num trono luxuoso, ornamentado com grinaldas de querubins em veludo vermelho e dourado. Quando Margaret – ou Peggy, como é mais conhecida – olha diretamente para a máquina fotográfica, os seus olhos azuis apresentam-se límpidos, com uma sensação de visão sobrenatural (diz-se que tem capacidades de telepatia, que David afirma partilhar com ela). O seu sorriso caloroso revela os seus dentes da frente tortos e estragados, iguais aos de David (antes de ele ter arranjado os seus através do milagre da odontologia plástica), e a sua aura de estrela e presença dominadora mostram bem que quem sai aos seus não degenera.

Peggy sempre fora uma pioneira corajosa e destemida, que na Inglaterra da década de 1940 usava calças muito antes de elas se tornarem uma peça de roupa aceitável para ser usada por senhoras. E tal como o seu filho David – a primeira estrela rock do Mundo a revelar publicamente a sua homossexualidade, a falar com a imprensa acerca do seu casamento aberto, a usar maquilhagem, verniz de unhas branco e vestidos –, Peggy era também uma rebelde, uma mulher nascida para escarnecer da burguesia. Mãe de três filhos ilegítimos (sendo David um deles) numa época em que uma rapariga podia ser ostracizada pela sociedade por ter apenas um, Peggy nunca teve qualquer receio de marchar ao seu próprio ritmo. Nem – e também aqui é notável a semelhança com David – teve medo de abraçar duas causas diametralmente opostas num relativo curto espaço de tempo.

Peggy deixou-se cativar fugazmente pela União Britânica de Fascistas de Oswald Mosley (o equivalente britânico ao partido nazi alemão) e em outubro de 1936, quando tinha 23 anos, assistiu a um dos seus comícios na próspera cidade termal de Tunbridge Wells. No entanto, e segundo Pat, irmã de Peggy, quando manifestantes começaram a atirar frutos e legumes podres aos seguidores de Mosley, Peggy mostrou-se muito mais fascinada com a pose de machos dos fascistas nas suas cativantes camisas negras do que com o tumulto à sua volta.

Apesar de apoiante da União Britânica de Fascistas, que aterrozava judeus por toda a Grã-Bretanha, Peggy, menos de dez anos depois, teve um romance com Jack Isaac Rosenberg, filho de um rico comerciante de peles judeu, e teve um filho dele, Terry, o meio-irmão de David, nove anos mais velho do que este.

Outra contradição semelhante está bem patente na própria história de David. Em 1976 foi acusado de fazer a saudação nazi, quando seguia de pé num *Mercedes* descapotável (uma acusação que mais tarde negou), e por volta da mesma altura também emitiu algumas opiniões favoráveis a Hitler, como, por exemplo: «O seu objetivo geral era muito correto, e ele foi ótimo para levantar o moral. Quero dizer, ele era um líder teórico perfeito.»

Assim, tal como a sua mãe tinha ficado seduzida pelo vistoso visual dos camisas-negras de Mosley, David estava claramente impressionado com o estilo, a bravata e a roupa dos nazis. Mas o seu amigo íntimo Marc Bolan era judeu, tal como a segunda mulher mais importante da sua vida (a seguir a Iman), a sua melhor amiga e principal gestora em todas as áreas da sua vida pública e privada desde 1974, Corinne «Coco» Schwab, uma norte-americana que nasceu no armazém de mercadorias do Bloomingdale, após a sua mãe ter entrado em trabalho de parto no departamento de roupa de cama e mesa da loja.

Na receção do casamento de David, Coco era toda ela sorrisos, com o seu cabelo num penteado oval, negro, brilhante, eficiente, criando um capacete em redor da sua face, lembrando que ela fica sempre com o papel de má, enquanto David fica com o papel de bonzinho. Enquanto sua rececionista, segurança e protetora, Coco é lendária pela sua ferocidade na erradicação do universo de David de todos aqueles que ela considera serem indesejáveis (e aqui incluindo a primeira esposa dele, Angie) e ao protegê-lo 24 horas por dia, mesmo que isso a obrigue a sacrificar a sua própria vida e uma existência autónoma.

A dedicação de Coco a David sempre foi inatacável, desde os anos infestados de drogas e do seu divórcio de Angie até depois de 2013, quando estava ao pé dele para o auxiliar na realização do videoclipe de «Love Is Lost», que se estreou na cerimónia dos Mercury Music Awards.

Mas ao longo da cerimónia do casamento, enquanto Iman deslizava pela nave e se juntava a ele no altar ao som de «April in Paris», a canção que David lhe cantara em serenata quando lhe propusera casamento, era inevitável que os presentes mais bem informados questionassem a possibilidade de emoções contraditórias se agitarem por baixo da máscara serena e com um sorriso perfeito exibida por Coco enquanto observava o casamento de David e o início do seu segundo casamento. Porque Coco não era apenas assistente pessoal de David, e a sua importância para ele transcendia uma qualquer definição, tal como acontecia com a sua permanente paixão por ele. Coco inicialmente trabalhava na MainMan¹ como rececionista/secretária, sendo depois contratada pela companhia para trabalhar com David. À medida que os anos passaram, ela tornou-se a sua principal apoiante, melhor amiga, quem lhe dava a mão em alturas difíceis, e dizia-se que secretamente o desejava de forma apaixonada.

Uma virgem vestal servindo o sumo sacerdote? Ou uma mulher de carne e osso com um apetite carnal por ele? Tony Zanetta, presidente da MainMan durante esses anos, recorda Coco a referir-se a David: «Eu realmente amo-o. Amo-o tanto, tanto...»

A estilista alemã Claudia Skoda conheceu Coco em 1976, quando David, Coco e Iggy Pop² a visitaram na comuna berlinense onde ela trabalhava e vivia. «David não me apresentou à Coco, e inicialmente pensei que ela era a mulher de Iggy. Ela não é nenhuma Miss Universo, mas é inteligente, e tem algum *sex appeal*. Tem-se dito que ela representava uma figura maternal para David, mas não vi nada disso. Ela tomava conta dele como se fosse sua namorada. Com intimidade. Presumi que estavam a ter um caso», diz Claudia.

¹ Empresa de *management* e gestão de carreira artística fundada em 1972 por Tony Defries, então *manager* de David Bowie. (N. do T.)

² Pseudónimo de James Newell Osterberg, cantor norte-americano mais conhecido como vocalista dos Stooges. (N. do T.)

Qualquer que seja a verdade, Coco esteve na vida de David ao longo de mais de quarenta anos. Em 1987, ele compôs «Never Let Me Down», uma canção inspirada na amizade e na lealdade dela, e reconheceu os imensos serviços que lhe prestou oferecendo-lhe, quando ela fez 60 anos, um anel crivado de diamantes cor-de-rosa.

No entanto, a lealdade de Coco por vezes transformava-se numa ferocidade que outras pessoas sentiam ser intimidante. Tal como revelou alguém que trabalhou de perto com Bowie durante alguns anos, até Alan Edwards, o respeitado agente britânico que geriu a publicidade de Bowie ao longo de décadas, ficava ligeiramente apreensivo quando Coco descia até Londres e avisava de modo claro todos os que trabalhavam com ele: «Façam o que quiserem, mas não aborreçam a Coco...»

Coco nunca desiludiu David. E este sempre se lhe manteve fiel, e generoso, tal como aconteceu com Ken Pitt, o seu *manager* no final dos anos 60, que contou em 2013: «Tenho 90 anos, e há muito que não via o David, mas há cerca de quatro anos ouvi alguém a bater à porta, e era o David. Ele não parecia estar muito bem, mas estivemos a conversar mais de uma hora. Foi muito querido da parte dele.»

Para além disso, e todos os anos, desde que se conheceram e até à sua morte, David enviava a Ken Pitt um presente de Natal, e também lhe mandava regularmente edições raras de livros em segunda mão que ele pensava que poderiam agradar a Ken.

David era também generoso com os conselhos a artistas que estivessem em início de carreira. Para além disso, despendeu muito tempo e muita energia a ajudar jovens que estivessem a debater-se com problemas de drogas, tal como acontecera com ele próprio. A estilista Ola Hudson, com quem David teve uma relação amorosa durante três anos, suplicou-lhe que falasse com o seu filho Saul (Slash, guitarrista dos Guns N' Roses) acerca das drogas.

«O David mostrou-se conhecedor das questões do abuso de drogas e falou de forma cativante. Perguntou-me o que eu andava a fazer a nível de drogas e por que situações estava a passar a nível emocional, a nível físico, e com a banda», explica Slash. «Divaguei durante um bocado, mas assim que comecei a falar sobre os meus amiguinhos transparentes o David interrompeu-me: “Ouve o que eu te digo”, disse-me ele. “Não estás bem. Se estás a ver coisas dessas todos os dias, o que estás a fazer a ti próprio é mesmo muito mau. Quando isso começa

a suceder é porque estás num ponto espiritual muito baixo. Estás a expor-te aos domínios mais sombrios do teu ser subconsciente. Estás a tornar-te vulnerável a todos os tipos de energia negativa.”»

Slash não era a única pessoa a lutar com o vício e que David estava a tentar ajudar. Era do conhecimento geral que Iggy Pop era outro caso, mas David não tentava salvar apenas aqueles que lhe eram mais próximos. A maquilhadora Carolyn Cowan encontrava-se em Dublin em 1991, trabalhando com David num videoclipe que ele estava a gravar lá. Ela estava a debater-se com o vício de *crack* e também a ingerir demasiadas bebidas alcoólicas. Apesar de mal conhecer Carolyn, David imediatamente sentiu que ela estava com graves problemas. A partir de então, em todos os dias que duraram as filmagens, perguntava-lhe se ela tinha conseguido manter-se sóbria durante a noite anterior. A verdade é que não conseguira, e David sabia disso. «Ao terceiro dia, ele persuadiu-me a ir a uma reunião dos Alcoólicos Anónimos. Tudo o que ele dissera finalmente tinha entrado em mim, e hoje estou imensamente grata pela intervenção dele», relembra. «David Bowie salvou-me a vida. Disso não tenho qualquer dúvida. Ele nunca me criticou, apenas se mostrou bondoso», diz Carolyn.

O fotógrafo Joe Stevens, que o conheceu na fase de Ziggy Stardust³, também realça a sua bondade e a sua generosidade: «Um amigo próximo teve de se submeter a uma operação de triplo *bypass* no coração, e, como era um artista sem seguro de saúde, não podia pagar as contas do hospital. Bowie, sem contar a ninguém, pagou-as.»

A bondade de David também se manifestava noutros contextos, e nunca puxou dos galões face a outros com menos sucesso do que ele – ou seja, quase todo o resto do mundo. No início da década de 1990, a excêntrica artista indiana Asha Puthli foi convidada numa festa na casa de David em Mustique. «Ele chegou ao pé de mim e disse-me “Asha, tenho teu primeiro álbum. Está na minha coleção especial. Vou ficar sempre com ele”», conta a cantora. «E eu tinha gravado esse disco em 1973. O David é o músico mais generoso que já conheci.»

E é também um dos mais educados. As suas maneiras são impecáveis, mesmo nas situações mais difíceis. Em outubro de 1972, em

³ Personagem que Bowie encarnou no álbum *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and The Spiders from Mars*, editado em junho de 1972. (N. do T.)

Los Angeles, David demonstrou a sua inata *noblesse oblige*⁴. Após o concerto de Bowie no Civic Auditorium de Santa Monica, Wolfman Jack⁵ organizou uma festa em sua casa, na qual o convidado de honra, David, fixou a atenção numa rapariga que na pista de dança se meneava sensualmente à roda de Kim Fowley, o lendário boémio e produtor de rock, que media 1,94 m. Quando a canção terminou, David aproximou-se de Kim, tendo-se desenrolado o seguinte diálogo:

«Ela está contigo?», perguntou David de forma cortês.

«Não», respondeu Kim.

«Estás apaixonado por ela?», aprofundou David.

«Não.»

Com esta certeza, perguntou a Kim se ele tencionava fazer sexo com a rapariga com que estava a dançar. Ao ter a certeza de que Kim não tencionava, David pôs todas as cartas na mesa e confessou-lhe que queria fazer sexo com ela.

«Podes acompanhar-me até à pista de dança?», perguntou David.

Kim concordou e acompanhou-o enquanto David se aproximava da rapariga que dançava.

«Chamo-me David Bowie», disse calmamente, e depois acrescentou: «Gostavas de me acompanhar até à casa de banho?»

Ela não pensou duas vezes e seguiu Bowie imediatamente. Entraram juntos na casa de banho. Fecharam a porta e só reapareceram algum tempo depois. David deu-lhe um beijo na face, apertou-lhe a mão e disse «Obrigado», e lá se foi ela embora, totalmente encantada com David e as suas boas maneiras.

Tal como também Kim Fowley ficara encantado. As últimas palavras que Bowie lhe dirigiu nessa noite foram «Muito obrigado».

Outra convidada importante no casamento de David era também uma mulher forte e poderosa, como eram Iman e Coco Schwab. Yoko Ono, a viúva de John Lennon, foi convidada de honra no casamento, principalmente porque David tinha memórias calorosas de John e,

⁴ Expressão francesa de tradução literal «a nobreza obriga», e que significa que alguém mostra educação, responsabilidade e boas maneiras para além do exigido pelo seu título ou pela posição social. (N. do T.)

⁵ Pseudónimo de Robert Weston Smith, famoso *disc-jockey* e apresentador de rádio norte-americano (1938-1995). (N. do T.)

desde o primeiro encontro entre ambos, sentira um imenso respeito por ele. E o respeito era mútuo. Porque, apesar de uma vez John ter gracejado que «Encontrar David Bowie é sempre interessante, pois nunca sabemos qual deles é que vamos encontrar», John sempre gostou de David e nunca vacilou no apoio à sua carreira. De tal maneira que na sua derradeira entrevista, na sexta-feira anterior à data do seu assassinio, John tinha jantado no restaurante Mr. Chow com o realizador e apresentador da BBC Andy Peebles, que estava em Manhattan para entrevistar David, que então se apresentava na Broadway no papel de John Merrick na peça *O Homem-Ellefante*.

«John Lennon mostrou-se muito interessado por eu ir falar com David no dia seguinte, e disse-me que considerava David um homem muito talentoso, e muito dotado. Ele disse-me que o que David estava a fazer em *O Homem-Ellefante* era espantoso», afirma Andy Peebles.

Interpretar John Merrick, um homem que nasceu com uma trágica deformação facial, constituiu um triunfo para Bowie mas, ao mesmo tempo, a sua decisão de interpretar o papel de um inadaptado na sua estreia na Broadway diz-nos muito sobre David Bowie enquanto homem.

Sendo o único filho nascido da união dos seus pais, David revelou ser canhoto, o que na Inglaterra dos anos 50 era considerado uma desgraça, uma aberração que tinha de ser corrigida a qualquer preço. «Lembro-me distintamente de na escola os outros miúdos se rirem de mim porque eu desenhava e escrevia com a mão esquerda», contou Bowie.

Os seus colegas de escola gritavam que ele era «o diabo», pela simples razão de que ele escrevia com a mão esquerda. Pior ainda, «a professora costumava bater-me na mão, tentando que eu ficasse destro», recorda Bowie.

A professora tentou o melhor que podia mas, apesar das frequentes tentativas de forçar David a favorecer a mão direita em detrimento da esquerda, ele instintivamente resistia e continuou a utilizar a mão esquerda. Mas a luta deixou-lhe marcas, e serviu para enrijecer o seu carácter. Anos mais tarde declarou: «Colocou-me imediatamente de fora face aos outros. Devido a isso nunca me senti igual aos outros. Então, acho que poderá ter sido uma daquelas indicações de como eu ia avaliar a minha jornada através da vida: Está bem, não sou igual a vocês, seus cabrões, então vou ser melhor do que vocês.»

A sua profunda sensação de isolamento e a sua tendência para o não-conformismo foram consolidadas ainda mais quando tinha 13 anos e quase perdeu a visão no olho esquerdo, ficando a sofrer de uma situação clínica denominada anisocoria e ostentando a partir de então dois olhos marcadamente diferentes. Não era uma condição fácil de suportar por parte de um adolescente, principalmente no ambiente violento e desordeiro em que cresceu nos subúrbios do Sul de Londres. Em consequência disto, David sentia-se um proscrito, um pária, e a sua simpatia sempre se dirigiu mais para os menos favorecidos, aqueles que vagueiam pelas vielas escuras da vida. «É um tema que me fascina... gigolôs, acompanhantes, prostitutas», revelou Bowie.

O seu fascínio pelos fora-da-lei do sexo é natural, dada a sua história. David, inicialmente famoso pela sua androginia, sempre foi o protótipo do libertador sexual, proclamando, aberta e orgulhosamente, a liberdade e a diversidade sexual. Fê-lo nas suas composições, uma das muitas facetas do seu génio (lado a lado com a representação e a pintura, e com a arte a dirigir cada elemento de toda a sua existência), e escreveu letras que abordavam a androginia em «Rebel, Rebel», «Sufragette City», «Queen Bitch» e «Oh! You Pretty Things».

A nível pessoal, declarando à imprensa que era homossexual, numa altura em que até Elton John ainda não se assumira, e depois retificando a afirmação dizendo que era bissexual, usando vestidos em público e mostrando repetidamente que não tinha receio de falar das suas várias tendências sexuais aos entrevistadores, Bowie estilhaçou a tradicional barreira do que era considerado sexualidade «normal» e, ao mesmo tempo, libertou muitos fãs da prisão da sua solidão sexual.

A verdade é que, como um moderno Tom Jones no livro de Henry Fielding com o mesmo nome⁶, David aventurou-se de uma experiência sexual para outra, lançando-se em sexo *gay*, *ménages à trois*, sexo em grupo, sexo com mulheres e depois, e talvez na mais inesperada experiência de todas, no casamento monogâmico. As façanhas amorosas de Bowie ao longo dos anos criaram uma odisseia sexual extremamente multifacetada, que pode ser atribuída não apenas ao seu bom aspeto, ao seu corpo elegante, enérgico e flexível, à sua elevada libido, ao seu

⁶ *The History of Tom Jones, a Foundling*, do escritor e dramaturgo inglês Henry Fielding, publicado em fevereiro de 1749 e considerado um dos primeiros romances em língua inglesa. (N. do T.)

impressionante e muito gabado membro sexual, à sua qualidade de estrela e imenso poder de atração, mas também ao facto de Bowie sempre ter sido um amante que acreditava na igualdade de oportunidades. Nem a idade, nem a raça, nem a religião, nem o aspeto dos seus amantes alguma vez o impediram de seguir o canto de sereia do seu desejo, onde quer que este o pudesse levar.

Um breve mas variado olhar sobre as suas conquistas: Bette Midler (ao que se diz, uma vez apenas, dentro de um armário de vestir); o executivo discográfico Calvin Mark Lee; a atriz e modelo da *Playboy* Bebe Buell; Nina Simone (que o inspirou a gravar «Wild Is the Wind», que ela já interpretara antes); a viúva de Charlie Chaplin, Oona (vinte anos mais velha que ele); a bailarina Melissa Hurley (vinte anos mais nova que ele); a cantora Ava Cherry; Jean Millington, da banda rock Fanny; e a modelo Winona Williams, que ele convidou para ir viver consigo em Berlim.

Ao longo da sua vida, cortejou Monique van Vooren (vinte anos mais velha que ele), teve um caso com Dana Gillespie (que tinha então 14 anos, face aos 16 anos dele) e uma relação com Cyrinda Foxe (uma glamorosa sósia de Marilyn Monroe que ostentava um colar de pérolas a que deu bom uso durante o seu último encontro sexual), e – dentro do espírito de contínua rivalidade com Mick Jagger – divertiu-se com Marianne Faithfull, a ex-namorada de Jagger, a cantora Claudia Lennear (que inspirou Mick Jagger a compor a canção «Brown Sugar», e sobre quem David escreveu «Lady Grinning Soul»), e durante um breve período saiu com a primeira esposa de Mick, Bianca Jagger.

De acordo com a ex-mulher de David, Angie, que tem apregoado uma série de histórias negativas sobre David desde o divórcio de ambos, poderá mesmo ter acontecido algo passageiro com o próprio Mick Jagger. Na versão de Angie Bowie do alegado acontecimento, pela primeira vez publicada na sua autobiografia de 1981 *Free Spirit*, ela regressou de uma viagem e encontrou Mick e David juntos na cama, e não estavam apenas a dormir – algo que David teve a rara iniciativa de negar. Mas Winona Williams, namorada de David no início da década de 70 e modelo da agência Wilhelmina, também refere: «Lembro-me de ter surpreendido o David e o Mick, e inclinei-me para pensar que tinha acabado de acontecer algo entre eles.»

Outras das suas conquistas – nunca negadas – incluem Susan Sarandon; Tina Turner; Lulu; Ronnie Spector das Ronettes; uma das Three Degrees; Ralph Horton, o seu segundo *manager*; e possivelmente

Ken Pitt, o seu terceiro *manager*, que estava claramente apaixonado por ele, apesar de não haver provas conclusivas de que a sua relação tenha alguma vez sido consumada. Sexualmente voraz, David manteve simultaneamente casos com o bailarino e mimo Lindsay Kemp e com Natasha Korniloff, que desenhava o guarda-roupa de Kemp. Teve uma relação muito divulgada com o transexual Romy Haag, e casos com vários funcionários da MainMan (a companhia que organizou a sua conquista da América), consolidando um padrão que muitos observadores repetidamente caracterizaram como sendo a forma de Bowie marcar o seu território, tal como com uma série de *groupies*⁷, tanto femininas como masculinos. Como o próprio afirmou numa entrevista à rádio BBC em 1997: «Eu atirava-me a toda a gente. Foi um tempo maravilhosamente irresponsável e promíscuo.»

As aventuras sexuais de David – algumas parcialmente estimuladas com cocaína, todas espoletadas pelos seus apetites desenfreados e a sua tendência para lançar uma rede muito larga, a que se juntavam as ilimitadas oportunidades disponíveis – exemplificam a recentemente descoberta capacidade da sua geração para sobreviver às armadilhas da sua rebeldia. Para além da sua sexualidade, David Bowie, o homem de carne e osso por trás da imagem, era um manipulador astuto, um homem de negócios decidido, conhecedor da fábrica de estrelas que era o sistema dos estúdios de Hollywood, e assim tornou-se a primeira estrela rock a publicitar-se e a vender-se como se fosse uma estrela de cinema. Com um perfeito sentido do espetáculo, ele foi a Barnum & Bailey⁸ do seu tempo; um homem com mentalidade de pega – a encarnação da famosa frase de T. S. Eliot de que «poetas imaturos imitam; poetas experientes roubam» –, um corsário de todos os aspetos da cultura popular; um agregador de artes, estilos e modas; e, acima de tudo, o Imperador do Rock.

E se a sua inigualável noção de estilo e do que está na moda poderá bem ter sido o produto de uma frieza inata lá no mais fundo da sua natureza, ao longo da sua vida ele também forjou relacionamentos duráveis com um bom número de pessoas, e neste aspeto, bem como

⁷ Fãs, normalmente do sexo feminino, que acompanham um artista ou banda e lhes fornecem determinados serviços, nomeadamente sexuais. O termo está mais conotado com os anos 70. (N. do T.)

⁸ Companhia de circo norte-americana fundada em 1919. (N. do T.)

na sua arte, exibia ainda mais outra contradição. Em tudo por que passou, e parafraseando o hino «I Am What I Am» [Sou o que sou] do filme *A Gaiola das Malucas*, Bowie foi certamente sempre a sua própria invenção especial.

Mas regressemos ao casamento de David com Iman, onde não se vislumbra nele o mínimo vestígio do homem que se vestia de mulher, do camaleão, ou de algo menos convencional. Está resplandecente no *smoking* negro comprido criado por Thierry Mugler, com Iman deslumbrantemente bela ao seu lado. O único sinal de que David não é um banqueiro bilionário de Beverly Hills que já casou cinco vezes ou um dissoluto oligarca russo a aceitar o compromisso numa cerimónia romântica e opulenta é o brinco de diamante na sua orelha esquerda e o seu notório amor pela sua mulher, a sua alegria por esta união.

«Isto para mim é tão entusiasmante e tão animador», disse David. «Tenho tantas esperanças e expectativas para o nosso futuro em conjunto. Nunca fui tão feliz como agora.»

Muitos anos após o seu casamento, David Bowie e Iman continuavam juntos e felizes, a sua alegria conjugal inicial ficara completa com o nascimento da filha Alexandria, no ano 2000. Nos seus últimos anos, David e a sua família passavam a maior parte do tempo em Manhattan, com David, o perfeito marido e pai, encantado com a sua mulher e a filha, bem como com Duncan (cujo nome de batismo era Zowie), o seu filho já adulto do primeiro casamento e que é hoje um premiado realizador de cinema e que era uma parte importante da vida de David.

A nível profissional, não tinha perdido o seu toque mágico. Sem qualquer aviso, às cinco da manhã de 8 de janeiro de 2013, o dia em que fazia 66 anos, lançou «Where Are We Now?», que foi recebida com grande entusiasmo pelo público surpreendido, seguindo-se logo dois meses depois o seu muito aclamado álbum *The Next Day*, o primeiro que editava em dez anos. A imensa vaga de elogios e adoração a David que se seguiu por parte da comunicação social, do público e da maioria dos seus pares não tinha precedentes. «No mundo da música existia uma aura de grande respeito em redor de David», afirma o publicista especializado em música Mick Garbutt, que trabalhou esporadicamente com Bowie ao longo dos anos.

David Bowie subiu tão alto, aos píncaros da fama e da fortuna, em todas as áreas que conseguiu conquistar. Foi um deus do rock cuja história se assemelha a um conto de fadas mas que simultaneamente relembra o caminho, as escolhas, os triunfos, as desgraças e as vidas de tantos da sua geração.

E tudo começou para ele há tanto tempo, quando era apenas um miúdo no Sul de Londres, onde começou a jornada que, através do seu génio, da sua persistência e do seu trabalho duro, o iria transformar num ícone global cujo nome, imagem, música e obras de arte iriam perdurar para sempre.